

ÁGUIA BICÉFALA

EDUARDO KNEESE DE MELLÓ

Em diversos monumentos arquitetônicos do Brasil colonial aparece uma curiosa figura, cuja origem, ao que sabemos, está ainda por ser esclarecida.

Trata-se da águia bicéfala.

Esse pássaro de duas cabeças encontra-se esculpido no púlpito da capela do Sítio Santo Antônio em São Roque, SP, capela que, a nosso ver, é a mais bela obra da arquitetura colonial no Estado de São Paulo e que encantou, com justa razão, o mestre Mário de Andrade.

Nesta igrejinha particular de Fernão Pais de Barros, construída depois de uma solicitação feita por seu proprietário em 1681, sob alegação de que a capela então existente na casa grande — ao lado do alpendre, como sempre está nas casas bandeiristas — era pequena demais para acomodar o grande número de fiéis que a frequentavam, este símbolo aparece entalhado na madeira do púlpito, em destaque.

Na pequena cidade de Embu, hoje um curioso centro de arte popular e folclore com sua feira de arte aos domingos, encontra-se outra igreja dos padres da Companhia de Jesus, construída depois de 1698 e provavelmente ainda no século XVII (Fig. 3). Foi o grande educador e pregador Belchior de Pontes, depois de ter deixado Carapicuíba, quem ordenou a construção desse templo dedicado a N. S. do Rosário, no local alto em que se encontra “junto a um córrego piscoso”, porque o primitivo estava situado em terreno baixo e sem vista.

Ladeando o altar-mor de Embu, o mais rico das igrejas coloniais neste Estado, com um retábulo que ocupa inteiramente a parede do fundo e o forro em abóbada magnificamente pintado, estão dois altares secundários onde aparece novamente a águia bicéfala esculpida em relevo na madeira, encimando o nicho central.

Aqui, também, esse elemento curioso aparece em destaque, em lugar importante, exatamente acima das imagens dos santos dos dois altares laterais.

Ainda não tivemos oportunidade de constatar a veracidade da informação que nos foi dada de que na Catedral de Salvador, antiga igreja do Colégio dos Jesuítas, cuja construção atual teve início em 1657, aparece também, em qualquer detalhe da nave, a águia de duas cabeças.

Recentemente, visitando em João Pessoa o Convento de Santo Antônio dos padres Franciscanos construído a partir de 1589, descobrimos que entre os pássaros esculpidos em pedra que estão pousados sobre a base do cruzeiro levantado em frente ao adro da igreja, existem alguns com duas cabeças (Fig.4). Estas esculturas mais parecem corvos que águia mas, curiosamente, algumas delas são também bicéfalas.

Que razões teriam levado os artistas que entalharam o retábulo do altar-mor de N. S. do Rosário de Embu, o pequeno púlpito e os altares secundários do templo onde os paulistas do século XVIII ouviam sermões de Belchior de Pontes, a representarem aí este símbolo curioso, a águia bicéfala?

Como se explica o aparecimento desse pássaro de duas cabeças em local de tanto destaque, no pequeno púlpito da capelinha do Sítio Santo Antônio, na Catedral da Bahia ou no convento Franciscano em João Pessoa?

Seriam razões religiosas?

Seriam símbolos heráldicos esses pássaros bicéfalos?

Ou seriam apenas elementos decorativos?

Quando de nossa permanência em Portugal por três meses, com bolsa da Fundação Gulbenkian, discutimos algumas vezes com o professor J. Santos Simões o aparecimento da águia bicéfala em monumentos religiosos coloniais no Brasil. Dizia-nos o autor de *Azulejaria Portuguesa no Brasil*, que aquele curioso símbolo era usado pelos padres Agostinhos. Esta informação não poderia de forma alguma justificar a presença da águia de duas cabeças em igrejas jesuíticas ou em outras que também não fossem Agostinhas.

O Chefe da Brigada de Azulejaria da Fundação Gulbenkian dizia também que este símbolo é visto com frequência em peças de marfim vindas da Índia.

No livro de José de Azevedo Perdigão, intitulado *Calouste Gulbenkian Colecionador*, aparece uma relação de peças de arte adquiridas do Governo da Rússia. Uma dessas peças valiosas, cuja fotografia se vê na página 104, é uma das duas "Terrinas do serviço denominado de Paris, de François Thomas Germain, que puderam ser adquiridas por Gulbenkian, porque na coleção do Museu d'Hermitage existiam oito do mesmo autor" (Fig. 5).

Nessa Terrina destaca-se ao centro, em relevo, uma águia bicéfala parcialmente coberta por um escudo e encimada por uma enorme coroa.

A escritora e pesquisadora Aracy Amaral mostra-nos em seu livro *A Hispano América na Arte Seiscentista do Brasil*, a fotografia de uma fechadura antiga de Salta, na Argentina, com o desenho de uma águia bicéfala esculpida na chapa de ferro batido.

Também no México, em Atlisco, esse símbolo pode ser visto na fachada da Igreja de La Merced conforme nos mostra Pál Kelemen no livro *Barroque and Rococo in Latin America*, que apresenta na gravura 65 um "Sketch for Catafolque, Coatepec", em que se destaca a águia de duas cabeças.

O mesmo autor apresenta uma fotografia intitulada "Pomata, Peru, Santiago. Transept Portal". Outra vez aí aparece, ao alto, aquele animal bicéfalo.

Sem dúvida este símbolo existe em outros países e provavelmente sua presença é justificada pelos estudiosos.

Mas, a pergunta que fazemos é outra: "Por que aparece a águia bicéfala em igrejas brasileiras da época colonial?"

A grande *Enciclopédia Portuguesa Brasileira* diz que: "...A águia de duas cabeças foi emblema do antiquíssimo povo Heteu da Ásia. Constantino, ou talvez Carlos Magno, introduziu-a no Ocidente. Parece indicar divisão do Império Romano em, 'de Oriente' e 'de Ocidente'. Áustria e Rússia adotaram o símbolo por via de Segismundo, filho de Carlos IV".

Santos Simões dizia-nos, também, que a águia bicéfala passou a simbolizar império, depois que Maximiliano da Áustria a adotou, ao reunir as coroas do Sacro Império Romano e d'Áustria.

A *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura* traz o retrato de Maximiliano I, tendo ao alto do quadro seu brasão onde aparece a águia bicéfala.

Carlos V da Espanha adotou a águia com duas cabeças em seu brasão. A *História de Espanha*, de Manuel Rodrigues Codolá, mostra-nos um retrato desse rei sentado ao trono, em cujo espaldar aparece estampado aquele símbolo (ano 1549), (Fig. 1).

No livro de Enzo Silveira, *Breviário Heráldico, Medalhístico e Nobiliário*, encontramos o seguinte: "As águias de duas cabeças e meias águias que frequentemente se encontram no brasão português, representam, geralmente, concessões dos imperadores do Sacro Império Romano e, mais particularmente de Carlos V".

"A águia heráldica ibérica", informa ainda Enzo Silveira, "sugere quase sempre a Itália: *quando de duas cabeças, o império de Carlos V.*"

E Theodore Veyvin-Forrer em *Precis D'Heraldique* escreve: "L'aigle du Saint-Empire a reçu de bonne heure la disposition du nimbé, que signifie que chaque tête se détache soit sur un disque, soit dans un anneau d'or; ensuite, elle a été diadémée, c'est-à-dire d'une couronne qui rappelle cagement celle des empereurs."

Na maçonaria, a águia de duas cabeças também está presente. O diploma daqueles que alcançam o grau 30, uma das mais destacadas classificações na hierarquia maçônica, tem uma águia bicéfala ao alto no centro, segurando com as garras uma espada (Fig. 2).

A hipótese levantada e, ao mesmo tempo, refutada por Santos Simões quanto ao fato do discutido símbolo ter vindo através dos Agostinhos, parece ilógica já que esses padres não vieram para o Brasil na época colonial e não haveria sentido em adotar seu símbolo em igrejas de outras ordens religiosas.

Não nos parece aceitável, também, a idéia de que esse símbolo — se o considerarmos heráldico — tenha vindo para o Brasil, da Rússia, da Áustria ou mesmo do Império Romano.

A hipótese "maçonaria" não é desprezível. Na Europa a maçonaria já existia no tempo de Platão. Sabe-se que essa organização apareceu oficialmente no Brasil, no século XIX. O Patriarca da Independência foi maçom e esta organização secreta participou dos movimentos de libertação dos escravos e da independência Nacional. Ruy Barbosa, também, durante algum tempo, esteve ligado a maçonaria. Mas, se ela não funcionava oficialmente no Brasil dos séculos XVII e XVIII, isto não significa que aqui não houvesse maçons.

É válido, portanto, admitir a idéia de que os homens que esculpiram as águias bicéfalas em nossas igrejas tenham sido maçons.

Mais razoável, porém, é aceitar que o ponto de partida seja Carlos V da Espanha. Então haveria várias hipóteses: 1.º — que esse monarca tenha dado uma concessão a Ignácio de Loyola, seu compatriota e fundador da Companhia de Jesus; 2.º — que essa concessão tenha sido dada à própria Companhia; 3.º — que o símbolo tenha sido trazido para o Brasil durante a União Ibérica (1580 a 1640), por espanhóis e, aqui tenha permanecido em uso não mais como símbolo heráldico mas simplesmente como elemento decorativo; 4.º — que a concessão real tenha sido dada aos artistas que entalharam a águia ou, no caso do Sítio Santo Antônio, que Fernão Pais de Barros a tenha recebido como lembra Enzo Silveira, “dos imperadores do Sacro Império Romano e, mais particularmente, de Carlos V”.

Embora o teto da Sala dos Brasões no Real Paço de Cintra apresente apenas três famílias cujos brasões têm águia — Aguiar, Azevedo e Almadras — e nenhuma delas seja bicéfala, parece-nos mais lógico aceitar que a origem da águia bicéfala nas igrejas coloniais brasileiras seja Carlos V e, nesse caso, quaisquer das 4 possibilidades poderia ser a verdadeira. Isso nos leva a crer, ainda, que todos esses símbolos existentes na América Latina têm a mesma origem: a coroa de Espanha ou, mais especificamente, o Rei Carlos V.



Fig. 1 — Rei Carlos V de Espanha.

Fig. 2 — Um dos membros do Serviço de Saúde
(Francis-Thomas Gombault)

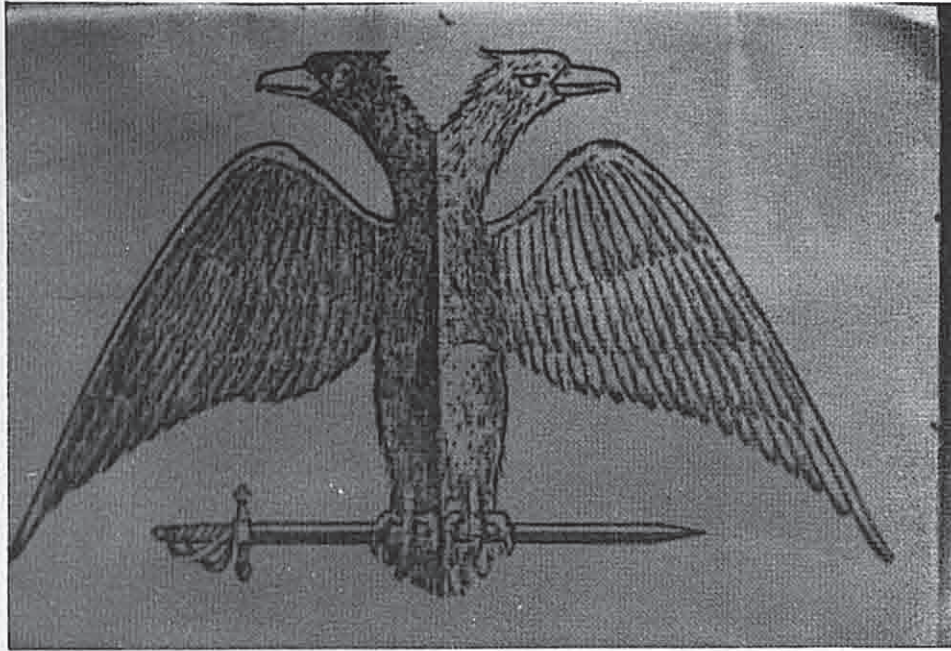


Fig. 2 — Águia bicéfala em diploma maçom.



Fig. 3 — Altar lateral da Igreja do Embu-SP.



Fig. 4 — Cruzeiro do Convento de Santo Antonio — João Pessoa.

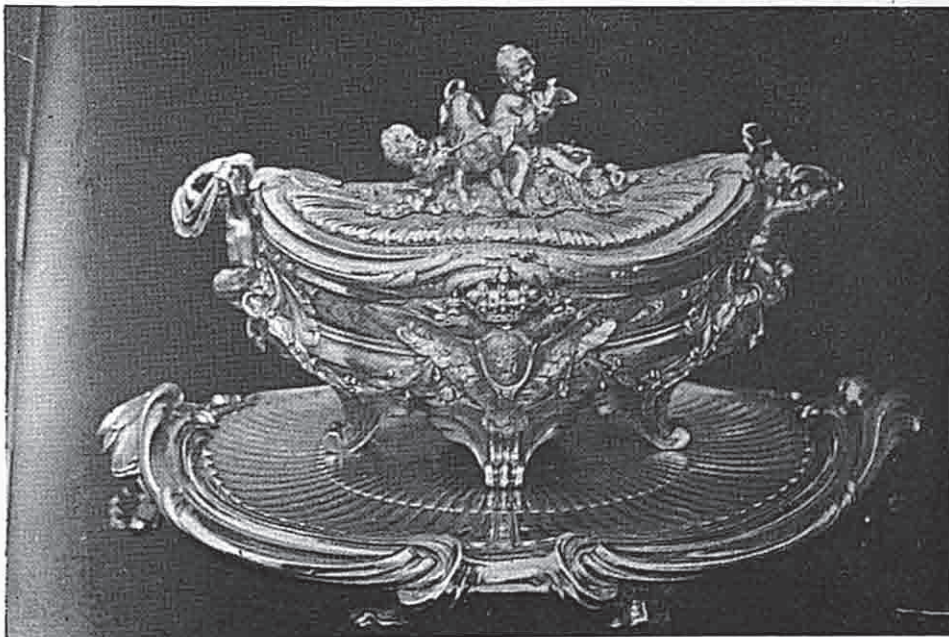


Fig. 5 — Uma das terrinas do Serviço de Paris
(François-Thomas Germain).